

MANUEL DA FONSECA

O CONTADOR-MOR



Era um dos poetas e prosadores portugueses de primeira qualidade, embora as suas obras mais significativas tivessem sido publicadas já nos anos 40 e 50: Manuel da Fonseca. Morreu na madrugada da passada quinta-feira, 11, mas muitos dos seus contos e poemas vão continuar nas antologias. O JL publica uma entrevista inédita com o escritor, conduzida por Manuel Varela, evoca-o também em textos de Alexandre Pinheiro Torres, João de Melo, Jorge Listopad e Manuel Alegre.

Págs. 6/12

ANTENA 2 EM MUDANÇA

DUAS HISTÓRIAS DA RÁDIO

■ João Paes, o director da Rádio Cultura, nova designação da Antena 2, revela ao JL, a linha mestra da programação. Maria Helena de Freitas, sacrificada à nova grelha, conta o que foram os 33 anos dos seus programas musicais na RDP.

Entrevistas
nas págs. 21/22



Manuel da Fonseca, entrevista inédita

«O ficcionista é

Manuel Varela

O DIA ESTÁ CINZENTO. ADIVINHA-SE o princípio de uma trovoadas. É um daqueles dias em que pessoas param na primeira mina para refrescarem as bocas, secas pelo ar quente das tardes de Maio. O clima soturno das trovoadas, nota-se no repentino silêncio da planície e nas falas irrequietas da bicharada que abunda pelas searas. No Alentejo é assim.

Saído de um monte, bem caído e limpo, como manda a tradição nestas paragens, um homem trespassa as fitas coloridas dos guarda-moscas, num gesto lento de mão. De olhar semicerrado, fixa o horizonte alguns instantes. Murmura palavras, que tanto podem ser de desagrado, como de interrogação. Volta a entrar. Já no interior, o homem, um velho na casa dos setenta e tal anos, senta-se a uma mesa de pinho escurecido pelo tempo. Rebusca alguns papéis numa gaveta, que range ao abrir. Fixa-se num, escrito à máquina. Silaba baixinho algumas palavras do texto. É um poema:

«Este céu, assim azul, sem mais nada que cor azul» (...) O velho soletra cada palavra, acentivo cada uma, como se cada uma tivesse uma força diferente das outras. Fala a meio tom, com os olhos a brilhar de lágrimas contidas. Exclama:

«O poeta tem olhos de água para reflectirem todas as cores do Mundo (...)»

— Vocemecê está falando com quem? — pergunta uma senhora idosa que, entretanto, se abeirou, vinda de uma porta ao lado, dum outro monte geminado.

— De ninguém. De nada. Falava de mim. Dos poetas, compreendes Maria?

— Não. Por acaso não senhor?

— Deixa lá. Poeta é aquele que escreve páginas da vida, de todos nós. — E mudando de tom — Como está o teu homem?

— Está nos escâncaras, debaixo da torreira. E ainda bem que me lembra. Vou levar-lhe o comer.

— Vai Maria, vai.

— Vocemecê precisa de alguma coisa?

— Não, não, vai ao teu homem...

O velho caminha alguns passos. Recordado. Ouve a própria voz, como que descrevendo um tempo de situações passadas. A planície toma agora as cores de um quadro de Cézanne. O vento ondula as hastas verdes das searas que começam a tomar forma. Outra direcção pode ouvir-se o praguejar de um guardador de rebanhos que, ao mesmo tempo, fala ao seu canito e dá ordens às ovelhas tresmalhadas.

O velho caminha em direcção a um pequeno jardim da cidade, a uma hora em que o sol estala as folhas secas de um Verão precoce. São quatro da tarde. A ligeira brisa que se faz sentir, levanta-lhe as poucos cabelos. Decidido, dirige-se a um banco do jardim. Senta-se. Uma criança brinca junto de um pequeno lago. Faz círculos na água, arremessando pequenas pedras. Num banco defronte, uma mulher de meia-

idade, vestida de preto, senta-se. Aconcheiga o camiseiro de seda, sobre os seios. Fixa indefinidamente um ponto no jardim. O velho, olhando a balzaquiana, escreve, pensando, um poema:

«Aquele mamã de perna cruzada / e de joelhos fora das salas / agradecer-me-ia, decerto, com igual sorriso.» (...)

Este um excerto do guião cinematográfico que escrevi na década de 60, uma promessa que fiz a Manuel da Fonseca. O filme pretendia ser uma biografia romancada. Um pequeno ensaio sobre a sua obra e, simultaneamente, uma tentativa de abertura a novos horizontes nos programas de ficção e/ou documentais ficcionados. Programas de televisão, entendam-se.

Recordo o seu franco sorriso. Não sei se descreto, se preocupado com a situação política que então se vivia. Fui com o Mário Pereira, num cair de tarde de Novembro, encontrar-me com ele. Houve que tomar precauções, dado o forçado exílio alguns em Lisboa, do Manuel da Fonseca, que andava com a PIDE à perna. Passámos por um pátio, já no lusco-fusco, que dava ligação, pelas trazeiras de uma outra casa, a uma cozinha onde se encontrava o escritor, com familiares e amigos. Ali mesmo, na penumbra e mal lhe distinguindo a cara, eu e o Mário, falámos da nossa

adaptação cinematográfica do seu livro «Seara de Vento».

Eu cumprí a promessa, de fazer aquela biografia. Mas ficou na gaveta até hoje...

«O local é universal»

Duas décadas mais tarde, em Janeiro de 1985, voltei a estar com Manuel da Fonseca, agora no Alentejo, na sua casa de Beja. Antes estivera em Santiago, para conhecer um homem que também ele me indicara para entrevistar: o Fonte Santa. Na sala, onde habitualmente Manuel da Fonseca trabalhava, comeci os preparativos da entrevista. Chegando o momento, ataquei com a primeira pergunta de aquecimento:

— Considera-se profissional da escrita?

— Sim, considero-me profissional. Desde há alguns anos, mais do que noutro tempo, sim, sinto-me um profissional. Não exerço outra profissão senão aquela que as letras me consentem. Reeditar é o que estou fazendo. E outros trabalhos... Ainda há dias me chegou um original de uma Antologia de Fialho d'Almeida, com introdução e escolha de textos meus.

— Preocupa-o mais o que está a reeditar ou a escrever?

JL

jornal de letras, artes e ideias



MANUEL DA FONSECA, à esquerda, vestida e lembranças numa longa conversa em Beja. ■ PASCOAES relido por Cecília Barreira. ■ Releituras também: ■ FINISTERRA por Maria de Lurdes A. Ferraz e Eduardo Dionísio. ■ V. S. NAIPAUL. ■ TOLKIEN. ■ JESUS HERRERO ataca. ■ EUGENIO LISBOA replica: em foco a poesia de «Orpheu» ao Neo-Realismo. ■ Na primeira pessoa: DAVID HOKNEY. ■ Música de CABO VERDE (e as últimas do ROCK). ■ Uma sodes de PITU M KEIL AMARAL. ■ Escrituralismo

Capa do n.º 13 do JL com uma «dedicatória» ao nosso camarada Inácio Lindgreen, que lhe tirou as fotos: «Esta cara sem a tua arte nunca seria a bela cara que te devot. Um abraço do admirador» — Manuel da Fonseca.



Morreu na passada quinta-feira, 11, em Lisboa, aos 81 anos, Manuel da Fonseca, uma das figuras mais destacadas não só do neo-realismo como da ficção e da poesia portuguesa reveladas em meados do século. O escritor, que tivera algumas doenças graves, do foro cerebral e oftalmológico, ultimamente estava muito melhor e interveio mesmo no jantar oferecido por Mário Soares, na Cervejaria da Trindade, a artistas, escritores e outras personalidades, durante a última Presidência Aberta na região de Lisboa. Uma queda, que lhe provocou lesões cerebrais, estaria na origem da sua morte. O «JL» publica um excerto do guião e uma entrevista inédita com o escritor, da autoria de Manuel Varela, realizador da RTP, textos e depoimentos de Alexandre Pinheiro Torres, João de Melo, José Jorge Letria, Jorge Listopad e Manuel Alegre, além de uma nota bio bibliográfica por Rodrigues da Silva.

Recorde-se que o «JL» dedicou logo a capa do seu n.º 13 (de 18/8/81) ao grande escritor alentejano, anunciando uma entrevista de Fernando Assis Pacheco e Augusto Abelaira. Depois disso, entre as principais matérias publicadas sobre o escritor e a obra, destacam-se as que saíram nas suas edições 240 (de 9/2/87) e 304 (de 3/5/88)

um construtor de mundos»

— Preocupo-me mais com o que estou a escrever.

— E o que é, neste momento?

— Estou a escrever um romance.

— Já se pode saber o título?

— Bem, ainda não tenho título. O título há-de estar lá dentro. Procuro o texto, encontro o título. O título de um romance é diferente do nome de uma criança: as crianças são as pessoas que as sonham e quase sempre, quando nascem, já têm três nomes, pelo menos! O romance também é um sonho que há-de ter um nome, mas é diferente. O romance é um texto, e o nome deve ser uma consequência, uma evolução do texto.

— Volta a fixar-se no tema do Alentejo?

— Sim, volto ao tema. O Alentejo não só é importante, como é a base da minha experiência de vida. Todo o escritor tem uma região e um tempo. O regionalismo é a base de todos os escritores. Todos os grandes escritores (e não me quero colocar como tal), quando escrevem, estão situados num tempo e num espaço. Só que o local é universal. O que tem a marca do tempo é intemporal. Ao contrário do que se afirma, são formas capciosas de criar aspectos exteriores à própria realização da obra de arte. «Vermelho e o Negro» tem um espaço e um tempo, a «Guerra e Paz» a mesma coisa. E vou mais longe: a «Odisseia» e a «Ilíada» têm um tempo e um espaço — e são obras universais.

— Quando escreve sente-se um poeta, um cronista, um antropólogo de imagens ou (porque não) um historiador?

— Considero-me acima de tudo um ficcionista. Embora inserido no conjunto de todos esses aspectos de que falou, desde que com eles construa a maior riqueza da vida: o Homem. O Homem é um pouco de tudo isso. Mas há tendência a deformá-lo. O escritor consegue o equilíbrio das partes, ou uma noção quase absurda de espontaneidade, adquirida com a sua experiência de vida e cultura. Ele realiza, do homem um Homem.

— A que se deve o pessimismo que, algumas vezes, imprime às suas obras?

— Eu não diria pessimismo. São, antes, momentos dramáticos. Onde é que você observa esse pessimismo?

— Na forma sombria como é tratado o povo alentejano.

— Não é uma forma sombria. É a verificação de uma realidade, não pessimismo. As populações rurais, mesmo quando conquistam alguma coisa, continuam ainda a ter uma vida dramática.

Aljubarrota, quem lá estava, a que horas foi, como começou, como se desenvolveu. O escritor muitas vezes tem de inventar. Essa é a sua realidade.

Quanto a popular, isso para mim não tem grande significado. Sou um escritor que escreve do povo, não um escritor popular. Não sou um erudito, sou um criador de ficção.

— Que pensa da ficção portuguesa e da reacção, face a ela, dos leitores?

— Há um interesse muito grande pelo

— Considera-se um escritor com um estilo?

— Acho que todo o escritor tem de ter um maneira própria de ser. A isso se chama um estilo. E há quem o não tenha.

— Julgo encontrar um certo misticismo, um certo mistério, em algumas das suas narrativas.

— Misticismo? Não sei. Talvez a raiz do homem, do povo alentejano, haja uma certa inclinação, nesse sentido. Mas não um misticismo, católico ou religioso. O

«Eu devo o meu corpo à terra/ E a terra mo está devendo/ Que a terra me pague em vida/ Que eu pague à terra em morrendo.»

Esta quadrilha é uma forma de dizer que não há religiões. Que há movimentos de matéria e que, trabalhando, se conquista a comida e a vida. E morrendo se paga à terra o que ela lhe deu.

Manuel da Fonseca, depois de acabarmos a conversa, agora divulgada em primeira mão, gravou ainda para mim a leitura

de dois poemas. E logo de seguida disse-me:

— Vou dizer mais outro. Deste faço questão.

E com o mesmo ar sorridente que me fez seu amigo, declamou:

«É tão vazia a nossa vida,/ é tão inútil a nossa vida/ que a gente veste de escuro/ como se andasse de luto./ Ao menos se alguém morresse/ e esse alguém fosse um de nós/ e esse um de nós fosse eu...»

Até sempre, Manuel.

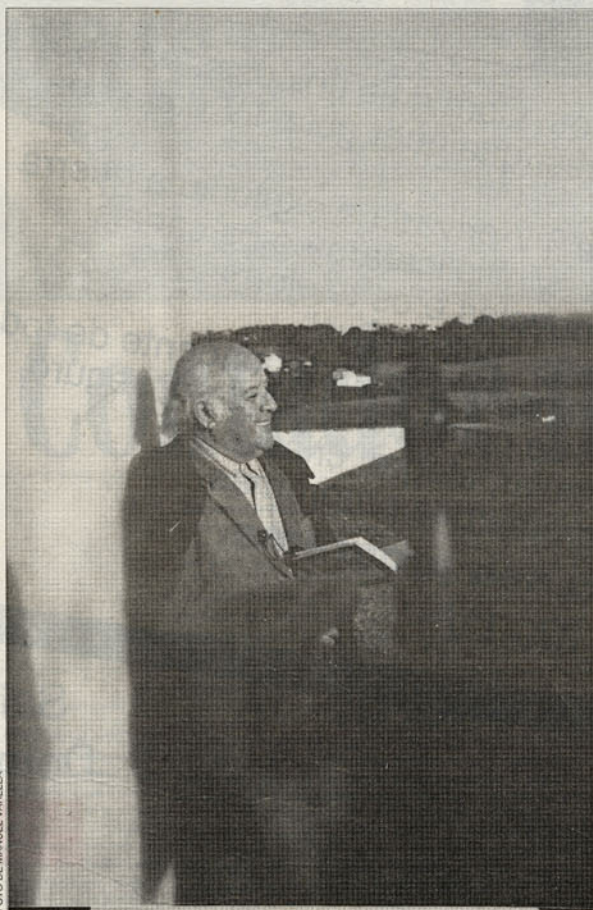


FOTO DE MANUEL VARELLA

romance português, o que pode levar a concluir que existe um romance português, e que não é nada inferior ao das outras línguas latinas. Isto aqui há anos era impensável! E há anos havia críticos que pediam para o escritor escrever mal, porque senão ser-lhes-ia impossível fazer um romance...

— Escrever mal, como?

— Não ter um estilo, porque o estilo contrariava a nitidez das ideias. O estilo era uma coisa opaca, e não translúcida: era opaca, entre o leitor e o que o escritor queria contar-lhe.

alentejano pode ter um misticismo no sentido da procura da perfeição, da harmonia, de uma entidade que o ultrapasse, mas que seja filha dele. O alentejano tem uma grande aptidão para as coisas do Mundo e para os problemas do homem. Talvez esse aspecto lhe dê esse ar místico, no sentido lato. Aqui há, até, uma forma violenta de realismo.

As suas palavras fizeram-me recordar uma quadrilha popular, cuja canção ouço às vezes, e que é reveladora de análise dramática da vida, quase despidora de religiosidade, do alentejano:

TEATRO ABERTO

DE TERÇA A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGOS - MATINÉE - 16 H.

ATENÇÃO: LOTAÇÕES ESGOTADAS
COMPRA OS SEUS BILHETES COM ANTECEDÊNCIA

BILHETEIRA DAS 14 H. ÀS 22 H. TEL.: 797 09 69 / 797 88 98

NOVO GRUPO apresenta

a ÓPERA de 3 vinténs
DE BERTOLT BRECHT / KURT WEILL

UM GRANDE ELENCO DE ACTORES E BAILARINOS

ORQUESTRA AO VIVO

PRÉMIO BORDALO DE IMPRENSA 1992
JOÃO LOURENÇO / TEATRO ABERTO
ENCENAÇÃO
ÓPERA DE 3 VINTÉNS

PRÉMIO DA CRÍTICA 1992
FERNANDO LUÍS
MELHOR ACTOR DO ANO
ÓPERA DE 3 VINTÉNS

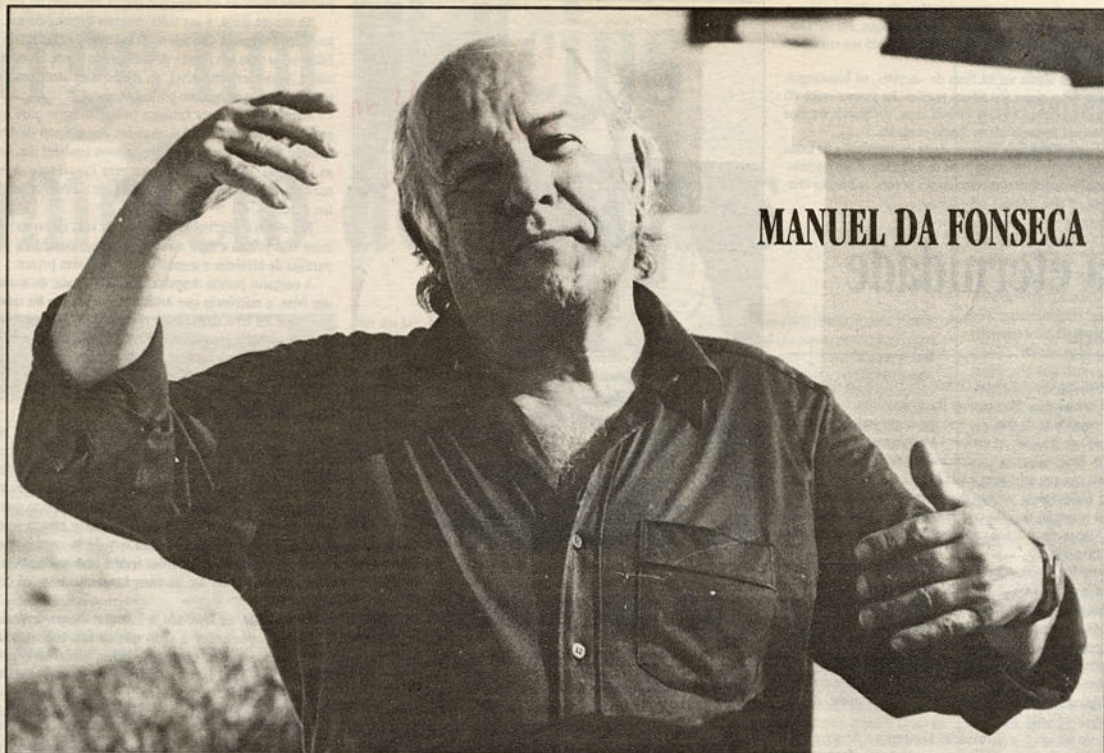
COMPANHIA PATROCINADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

APIOS: Expresso (O seu preço médio) PÚBLICO M/ 16 ANOS

Sou um criador de ficção

— Como situa os seus livros: numa literatura de raízes populares ou erudita?

— Eu não sou um erudito, de modo nenhum. Penso que a erudição é inimiga da arte. O ficcionista não pode ser um erudito, tem de ser um construtor de mundos. Os eruditos são conhecedores de factos passados que estudam e sabem tudo. Sabem tudo acerca da batalha de



MANUEL DA FONSECA

Contador-mor

O grande efabulador

Alexandre Pinheiro Torres

ESTAR AQUI NA INGLATERRA E SABER DA MORTE DE UM AMIGO QUE era um grande escritor e vivia, na sua humildade, em Santiago do Cacém. Estar aqui, receber um soco, ficar calado? O Joaquim Manuel Magalhães, poeta que merece várias excelências, disse há pouco que o neo-realismo produzira alguns grandes escritores. E, entre eles, citou o autor de *O Fogo e as Cinzas*, um dos maiores livros de contos do século. E Magalhães perguntava em síntese: Que me importa a mim a ideologia que lhe enformava a escrita? Ah! Mas importa à Sociedade das Grandes Cabeças Barris-de-Aspirina que os tratam de «neo-realistas». E que produz a selecta Sociedade? Páginas «neo-realismo» de pensamentos já pensados, produtos de prodigiosas varizes que lhe entumescem as circunvoluções percorridas por ideias Donas Elviras a fazer pó-pó pelas afeitas de lixo.

No Brasil, há cerca de três anos, o Leodegário Amarante de Azevedo Filho, que nunca engraxou as botas aos escritores da esquerda portuguesa, afirmou que o neo-realismo fora uma verdadeira revolução na escrita da ficção lusa (é ver as Actas do XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de 30 de Julho a 3 de Agosto de 1990). Aqui está como um professor todo veneras à literatura purificada do Gaspar Simões (que Deus tenha na sua paciente glória) reconhece, num rebate (atrasado?) que homens como Manuel da Fonseca (e mesmo Redol, tão achincalhado pelos cabeças-de-aspirina) são grandes figuras da literatura de língua portuguesa.

Morreu o Manuel da Fonseca. Já o esperava. A queda na casa dele de Santiago do Cacém não augurava outro desfecho. Ali mesmo na terra que ele transformou em Cerromaioir («Em Cerromaioir nasci», diz no poema

de abertura de *Planície*, livro maior da nossa poesia, a seguir de perto a maravilhosa *Rosa dos Ventos*, de 1940), seu espaço sagrado do Alentejo, poeta tão grande desse espaço como a torturada Florbela, mulher genial. Quem melhor falou desta poesia de Manuel da Fonseca que a Maria de Lourdes Belchior? Conotada com o neo-realismo, como diria um certo cabeça-de-aspirina que conheço de pontificar no Café Ceuta, do Porto? Não. Conotada, sim, com a grande literatura. Que importa, sim, a ideologia, se não há ninguém que a não tenha, uma ou outra? Quem não estremeceu de alma ao ouvir Villaret a recitar *Mataram a Tuna?* Ainda o podemos ouvir em disco. Mas leiam-lhe antes a *Poesia Completa*. Está ali tudo.

Agora, falecido o Manuel, lembro particularmente as noites dos princípios dos anos 60 em que ele vinha a minha casa de Lisboa (Rua S. Sebastião da Pedreira, n.º 8, 1.º, dt.) para jogar xadrez e conspirar utopias contra Salazar. Ele perdia revoltadíssimo no xadrez mas ganhava-me nos sonhos utópicos de um Alentejo que não fosse o das árvores angustiadas de Florbela. Falar do grande efabulador que era? Escrevia eu então alguns dos meus romances, e ele, ao ouvir uma página, aqui ou ali, sorria com benevolência: «Alexandre, meu amigo, um romancista tem apenas uma obrigação: contar uma história. Se não tens história nem sabes inventá-la, decora antes as aberturas xadrezísticas do Alekhine para vitórias mais retumbantes». E contava-me, noutra versão, ali mesmo improvisada, o drama de António de Valmurado, o Palma, na sua luta contra Elias Sobral, de *Seara do Vento*, que David Mourão-Ferreira (conotado também com o neo-realismo?) escolheu para figurar na colecção que organizou para o Círculo de Leitores dos melhores romances portugueses do século.

Morreu, pois, de corpo, um dos grandes escritores portugueses que nos foi possível ter nos últimos cem anos. Não há muito, um pândego de «A Folha de S. Paulo» escrevia que em Portugal só havia Pessoa e Sá-Carneiro. Depois disso, o zero. Nada. Zilch. Curioso que este sacrista me dirija cumprimentos. Coisa suspeita. É que nada o livro de lhe dar, em breve, umas chicotadas nas palmas dos pés. Sabia ele da existência do Manuel? Que leu o nosso pândego?

Talvez agora, no Brasil, ao ler da morte de um tal Manuel da Fonseca, ele corra a pór-se à *la page*. Será capaz? Serão os próprios portugueses, não em casos pontuais, mas na sua generalidade, também capazes de reconhecer-lhe a enorme grandeza?

Uma forma de ser e de contar

Manuel Alegre

ANTIGAMENTE O LARGO ERA O CENTRO DO MUNDO. ESTA FRASE ANDARÁ sempre comigo, é o ritmo do Manuel da Fonseca dentro do meu próprio ritmo.

Há nela uma arte muito antiga, a expressão de uma forma de ser e de contar. Manuel da Fonseca foi talvez um dos últimos grandes contadores de histórias. Muitas delas ficaram por escrever. Mas em o «Fogo e as Cinzas» e em «Seara de Vento», ele traz à prosa portuguesa um tom e um ritmo inigualáveis. É a tradição oral, a arte de contar transmudada para o rigor de uma escrita despojada e primordial.

A qualidade da prosa de Manuel da Fonseca é hoje reconhecida mesmo por alguns senhores professores que, após o período revolucionário, tentaram com oportunismo despidorado, o ajuste de contas com o neo-realismo.

Manuel da Fonseca não se curvou nunca perante as modas. Não entrou no comércio, nem andou a correr atrás dos prémios. Continuou fiel às suas convicções estéticas e políticas, igual a si mesmo e a uma certa forma de ser e de conviver.

Devo-lhe uma certa descoberta do Alentejo. Devo-lhe imagens, ritmos, palavras que marcaram a minha própria escrita. Devo-lhe, sobretudo, a fraternidade, os braços sempre abertos para os amigos. Ele era um homem do Povo e ao mesmo tempo um aristocrata. Um príncipe da camaradagem e do comportamento.

Não esqueço o abraço que me deu no aeroporto, quando voltei. Quando dirigi os Serviços Criativos da Emissora, pouco depois do 25

de Abril, tentei que ele tivesse um programa. Mas ele embriava com o microfone. Só era capaz de contar histórias com os amigos, em tertúlias, bebendo um copo, ao ritmo alentejano, que era o ritmo do seu coração e da sua escrita.

Estivemos juntos pela última vez na Festa do «Avante», na homenagem ao Adriano, que deu voz a tantos dos nossos poemas. Eu gostava muito do Manuel da Fonseca. Era um alentejano de boa cepa, um grande escritor português, um camaradão de quem vou ter muitas saudades.

Quando morre alguém como ele, apetece -fazer qualquer coisa de louco e heróico-. Apetece vir para a rua com a Tuna do Zé Jacinto e, em homenagem ao nosso amigo Manel, cantar, ao ritmo do seu poema, «a heróica marcha Almadanim».

A sua eternidade

João de Melo

LI NÃO SEI QUANTAS CENTENAS DE LIVROS DE TODOS OS GÊNEROS, ao longo da minha vida. Mas poucas frases literárias (ou mesmo versos) consigo reproduzir de cor. Por isso me surpreendeu o facto de me ter posto, quase de imediato, a recitar: «Antigamente, o Largo era o centro do mundo. Hoje, é apenas um cruzamento de estradas, com casas em volta e uma rua que sobe para a Vila.»

Há pouco, a rádio voltou a falar da morte do Manel. Desta vez, puseram no ar a gravação de uma conversa com ele, por ocasião de um aniversário. Disse da sua enorme alegria, da infinita e absoluta importância de estar vivo.

Depois, o jornalista perguntou-lhe: «Como gostaria de morrer? Como imagina o seu funeral?» E foi belo e comovido ouvi-lo dizer que a morte não o assustava; afinal, os funerais portugueses eram cerimónias lindas, cheias de sentido e de sentimento; e que só desejava morrer a cem por cento, morrer totalmente, morrer definitivamente, morrer profundamente — e depois lá gracejou qualquer coisa acerca da presença e da postura dos amigos no seu funeral, e mais do São Pedro a recebê-lo, um ateu, a abrir-lhe a porta, a mandá-lo entrar.

Tirei da estante alguns dos livros dele. Lembro-me de ter escrito um ensaio sobre «Seara de Vento» e feito um trabalho de grupo, na Faculdade, sobre «O Fogo e as Cinzas». Lá estão ainda os meus sublinhados e as notas à margem, a lápis, no conto «O Largo». Estive agora a relê-lo. E percebi por que razão ainda sabia de cor aquelas frases do início: a simplicidade, o humanismo, a oralidade desta escrita são afinal a grande prosódia, a poesia definitiva destas narrativas. A sua eternidade.



Que viva a tuna

José Jorge Letria

FOI NA CERVEJARIA TRINDADE, ONDE MUITAS VEZES CAVAQUEOU, contou e ouviu histórias, onde falou de livros, de amigos e de errâncias, que fez, talvez, a sua última intervenção pública.

Foi no jantar de encerramento da Presidência Aberta de Mário Soares, em Lisboa. Estava lá meio mundo: escritores, músicos, arquitectos, actores, cantores, encenadores, cineastas, autarcas e jornalistas. E estava também o Manuel da Fonseca, com o finíssimo gume da sua ironia, com a sua prodigiosa memória de afectos e com a sua ca-

pacidade única de ser universal nunca deixando de ser alentejano.

Na mesma mesa, à sua volta, estavam Baptista-Bastos, Helder Costa, José Fialho Gouveia, Cândido Mota e o autor destas linhas, entre outros. Falou-se de tudo um pouco: de política, de livros, de *manchetes* de jornais e, como seria inevitável, de anedotas de alentejanos e do que é mais representativo do imaginário português actual.

Manuel da Fonseca também tinha anedotas para contar, com o engenho e a subtilidade dos grandes contadores de histórias, e fez questão de recordar que os alentejanos também têm anedotas sobre os lisboetas, em que usam a sua rara capacidade de observar e de caricaturar. Não perdeu a oportunidade de contar uma ou duas destas anedotas.

Era assim o Manuel da Fonseca, na vida como na escrita: um homem sem pressa e com a vocação para o convívio e para a fraterna partilha de histórias e memórias. Sempre sem pressa.

A ninguém passou despercebida, nessa noite de muitas e desgarradas falas, a referência que Amália Rodrigues lhe fez quando aludiu ao gosto que lhe teria dado cantar poemas seus. Manuel da Fonseca sorria e talvez se tenha recordado das outras vezes em que foi cantado e em que as suas palavras brancas de cal e de luz se tornaram canto de utopia e de mudança. Ele foi um dos mais cantáveis poetas portugueses contemporâneos, até porque a sua arte poética era indissociável do gosto da oralidade, da festa da comunicação.

O grande segredo de Manuel da Fonseca, nessa noite como ao longo da vida, foi sempre o mesmo: a consciência que tinha de que tudo é efémero e que, talvez por isso mesmo, não deva ser levado demasiado a sério. É isso, afinal, que imortaliza alguns instantes do efémero. No dia da sua morte, ouvi uma entrevista que deu uns tempos antes à TSF, na qual falava da morte com a ironia serena de quem sabe que é aqui que tudo tem de se viver e resolver, não valendo, por isso, a pena perder tempo com as coisas mesquinhas em que a dignidade do ser humano frequentemente se degrada e compromete.

Nessa noite, na Trindade, o autor de «Seara de Vento», convidado a pronunciar-se sobre a visão que os não lisboetas têm da capital, disse coisas simples, certas e belas, e acabou com uma daquelas sínteses que a sua lucidez conseguia produzir: «Esta noite Lisboa é Mário Soares.» E ninguém se atreveu a chamar-lhe «força do blo-queio». O que ele teria sido se alguém o tivesse apresentado com esse apodo.

Agora que o Manuel está de partida, seguramente para o céu dos contadores de histórias imortais, lembro-o fraterno e feliz, nessa noite de convívio, com a Lisboa amada por tema e por fundo. Não é mesmo possível lembrá-lo de outra maneira que não seja essa: disponível e sem idade. Se as searas, de facto, fossem de vento, estaríamos neste momento a dizer baixinho: «Mataram a Tuna». A Tuna morreu, mas os poetas que a souberam cantar, esses nunca morreram.

Como aprendeu checo

Jorge Listopad

Para que ficasse, da minha modesta parte, uma lembrança clara, sem superlativos de uso, neste caso mais do que justificados, para que ficasse a alegria de aquele que se chamava Manuel da Fonseca, sem pieguice, sem a «necrofilia à portuguesa» de que falava Jorge de Sena, recordo um episódio, creio, inédito, e que pertence de direito às curiosas marginais de literatura portuguesa. Ei-lo.

Nos anos sessenta as Edições de Literatura Estrangeira, em Praga, interessaram-se, além de outros textos portugueses, pelas obras de Manuel da Fonseca. Traduziram, primeiro, alguns dos seus contos, depois, julho, «Seara de Vento». Mas o romance em versão checa não saiu. A desconfiança de conjuntura, da editorial estatal (não havia outra), a tudo que vinha do Ocidente e não explicitamente dogmático — até a literatura de Óscar Lopes e J. A. Saraiva era sujeita aos demorados atrasos e «revisões», mas também talvez por razões técnicas ou burocráticas, prorrogava Praga o prazo do contrato; a pedido de Manuel da Fonseca, ajudei a redigir algumas cartas em francês ao editor, inclusive, se bem me lembro, endereçadas ao tradutor. Esse «comércio» epistolar durou meses, senão anos, com as respostas evasivas ou nenhuma.

Acabamos, então, Manuel da Fonseca e eu, sentados à mesa com os sóbrios copos, por tomar uma decisão picarresca. Escrevi uma carta ao editor de Praga em checo perfeito, administrativo, pedindo categoricamente as explicações.

Manuel assinou. No Post-Scriptum acrescentamos que graças aos permanentes adiamentos, o assinado já aprendera checo.

Foi a última carta de série. Por causa dela, ou por coincidência, pouco tempo depois, o romance saiu. O seu destino na vida literária na Checoslováquia de então, pertence já a outro capítulo.

Um trabalho danado

QUANDO, EM 1940, SE ESTREIA NAS LETRAS, COM «ROSA DOS VENTOS», Manuel da Fonseca tem apenas 29 anos (nasce, como Alves Redol, em 1911, o ano da morte de Fialho de Almeida), e sabe-se que, antes de ser editado em livro, já publicara alguns poemas no «Diabo».

De 1940 a 1943, de jacto, publica quatro livros: para além de «Rosa dos Ventos», «Planície», poesia também, em 1941 (o ano dos «Esteiros», de Soeiro Pereira Gomes), «Aldeia Nova», contos, em 1942 (o ano do aparecimento da revista «Vértice») e «Cerronia», romance, em 1943 (o ano da «Casa na Duna», de Carlos de Oliveira).

Depois, Manuel da Fonseca pára de publicar, pelo menos em livro. Mas não deixa de escrever, de escrever sempre, contos, sobretudo. E são eles, que, saídos aqui e ali (e reunidos por Carlos de Oliveira e sua mulher Ângela), irão dar origem a um dos melhores livros de contos de toda a literatura portuguesa: «O Fogo e as Cinzas», de 1951.

Segue-se um novo hiato (que «escrever» — como diria mais tarde, «dá um trabalho danado») — e eis que surge o último dos romances do escritor, «Seara de Vento», datado de 1958, o ano da morte de Irene Lisboa e Afonso Duarte. Manuel da Fonseca, enquanto prosador, parece ter ganhado um novo fôlego com este seu segundo romance, logo aprendido pela Pide. O poeta, porém, parece ter posto fim à carreira, com a publicação (também em 1958, Iniciativas Editoriais, prefácio de José Fernandes Faté) dos «Poemas Completos». De edição para edição seguintes (a segunda, surge só em 1969, na Portugalí, prefaciada por Mário Dionísio), Manuel da Fonseca irá acrescentando mais alguns poemas à sua obra, mas o núcleo decisivo da sua poesia já lá estava, e é de 1940-41.

A segunda fase da obra do escritor não é para esquecer, de modo nenhum, mas nem «Um Anjo no Trapézio», de 1968, nem «Crónicas Algarvias», de 1986 (na realidade escritas em 1968, para «A Capital») — só podem comparar aos livros referência de Manuel da Fonseca. O prefácio que escreve para a «Antologia de Fialho de Almeida» (edição inexplica-

velmente pouco divulgada das Câmaras de Cuba e Vidigueira), esse sim, tem a marca das suas grandes páginas. Algo como se Manuel da Fonseca, se reencontrasse com Fialho, na redescoberta do Alentejo de ambos.

Esse Alentejo que Fialho pela primeira vez, de dentro, trouxera para a literatura portuguesa, e que Manuel da Fonseca soubera olhar com a sua visão rebelde e encantada, de um grande escritor (e não só do neo-realismo). Um grande escritor, que, desde o 25 de Abril e graças à reedição da sua obra pela Caminho, terá vendido qualquer coisa como 150 mil exemplares, o que diz bem da perenidade de uma obra, no essencial escrita nos anos 40 e 50.

Obra que Manuel da Fonseca, voluntariamente, amputou. Logo de um livro («Os Imperadores do Chile», sucessivamente anunciado desde 1951 e nunca redigido), depois do muito que ia escrevendo e rascando, por não lhe encontrar qualidade bastante... e detestar que, postumamente lhe fossem à gaveta e editassem tudo o que, em esboço, lá tivesse. Mas o grande livro que de Manuel da Fonseca nunca leremos — é o que ele nunca poderia ter escrito. Porque o disse, falado, nas mil e uma conversas à mesa de tascas e cafés, no deambular pelas ruas, de cidades e vilas, nessa boémia de corpo e espírito, enfim, que — com a visão anarquista e revoltada que teve do seu Alentejo natal e a experiência de não sei quantos empregos paralelos à escrita — foi como sangue que lhe corresse nas veias.

Agora que o Manel morreu, vai acontecer-lhe, decerto, o que ele previa e até certo ponto lamentava: ter, como os seus amigos já desaparecidos, o nome numa rua. Ele, a isto, preferia ser lido. Mas vai continuar a sê-lo. Nem outra coisa poderia acontecer ao contista da «Noite de Natal», ao autor de «Mataram a Tuna» (a tuna da «Marcha do Almadanim»), ao poeta que um dia escreveu: «Domingo que vem, / eu vou fazer as coisas mais belas/ que um homem pode fazer na vida!».

Rodrigues da Silva